

GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 55

PORTUGUÊS 11.º ANO

Tema 11: *Os Maias* de Eça de Queirós
Subtema 2: *Os Maias* ou *Episódios da vida romântica*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A
APRENDIZAGEM?



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Nos capítulos VII, VIII e IX d’*Os Maias* vão sendo retratados vários comportamentos de personagens envolvidas em casos de amor burguês.

Cada uma à sua maneira revela muito mais do que aquilo que pode parecer à primeira leitura.

Observa de perto esses retratos e descobre como o narrador os constrói.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:

- Interpretar textos orais dos géneros exposição sobre um tema (...), evidenciando perspetiva crítica e criativa.
- Fazer exposições orais para apresentação de temas, de opiniões (...).
- Preparar adequadamente as apresentações orais através de uma planificação cuidada.
- Avaliar, individualmente e/ou em grupo, os discursos orais.

NO DOMÍNIO DA LEITURA:

- Realizar leitura crítica e autónoma.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Analisar os recursos utilizados para a construção do sentido do texto.
- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.
- Analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto.
- Debater, de forma fundamentada e sustentada, oralmente ou por escrito, pontos de vista fundamentados, suscitados pela leitura de textos e autores diferentes.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto narrativo.



O QUE VOU APRENDER?

NO DOMÍNIO DA ESCRITA:

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.
- Utilizar os mecanismos de revisão, de avaliação e de correção para aperfeiçoar o texto escrito antes da apresentação da versão final.



COMO VOU APRENDER?

GTA 52: Que segredos se escondem no passado dos Maias?

GTA 53: O que revelam os contrastes n'Os *Maias*?

GTA 54: Personagens no espaço: como se constrói a crítica social?

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

GTA 56: Crónica de costumes e intriga amorosa: como se articulam?

GTA 57: Como convive o idílio amoroso com os sinais de tragédia?

GTA 58: Qual o papel dos jornais na Lisboa d'Os *Maias*?

GTA 59: Como se revela e concretiza a tragédia dos Maias?

GTA 60: Por onde andam e de que falam Carlos e Ega neste desfecho?

Tema 11: Os *Maias* de Eça de QueirósSubtema 2: Os *Maias* ou *Episódios da vida romântica*

GTA 55: Que retrato(s) do amor burguês nos dá o narrador?

Objetivos:

- Mobilizar conhecimento sobre personagens e momentos relevantes da ação nos capítulos VII, VIII e IX d’*Os Maias*.
- Analisar excertos selecionados, identificando representações da vivência amorosa na sociedade burguesa do século XIX.
- Reconhecer e caracterizar a atitude do narrador queirosiano — a sua ironia, distância ou cumplicidade — face aos comportamentos das personagens.
- Identificar e comentar recursos expressivos ao serviço da crítica social e do retrato das personagens.
- Desenvolver capacidade de leitura comparativa de excertos, analisando o tratamento do tema amoroso e a variação de perspetiva do narrador.
- **Modalidade de trabalho:** pequenos grupos, pares e individual.

Recursos e materiais: caderno e *internet*.



É importante que já tenhas realizado a leitura dos capítulos VII, VIII e IX d’*Os Maias*. A partir do [GTA 51](#), iniciámos um desafio de missões para a leitura de capítulos da obra com o jogo «O extraordinário caso dos Maias». Se ainda não estás a acompanhar, dedica algum do teu tempo pessoal e realiza a leitura dos capítulos e as tarefas da missão 4 do jogo. Além disso, podes ir construindo um dossiê de investigação para organizar ideias e valorizar a tua avaliação.



[Eça de Queirós *Os Maias*.](#)
Edição digital: Disponível em
Biblioteca Digital da EBSQF.



[«O extraordinário caso dos Maias – Missão 4».](#)
Estudo Autónomo.



[Infografia «Dossiê de investigação».](#) Estudo
Autónomo.



ETAPA 1 – Capítulos VII, VIII e IX | Quem disse...?



Recorda a leitura dos capítulos VII, VIII e IX.

Identifica quem disse cada uma das falas nos balões que se seguem.

1

— *Passei hoje um dia divino com o Maia. Fizemos armas, bricabraque, discutimos... Um dia chique! Amanhã tenho uma manhã de trabalho com o Maia... Vamos às colchas.*

— *Está claro que queres, não te faz senão bem vir a Sintra... Amanhã lá estou à porta, com o break. Mete sempre uma camisa numa maleta, que talvez passemos lá a noite... Às oito em ponto, hem?... E não digas nada lá dentro.*

2

— *Diabo! É necessário que não me esqueçam as queijadas!*

3

4

— *Que aquilo é sítio muito meu, filhos! Não há ali árvore que me não conheça... Eu não vos quero começar já a impingir versos; mas enfim, vocês lembram-se de uma coisa que eu fiz a Seteais e de que por aí se gostou...*

— *Cheguei a casa dos Cohens mais cedo, como tínhamos combinado. Ao entrar na sala, já estavam duas ou três pessoas... Ele vem direito a mim, e diz-me: «Você, seu infame, ponha-se já no meio da rua... Já no meio da rua, senão, diante desta gente, corro-o a pontapés!». E eu, Carlos...*

5

7

6

— *Má estreia, filho, péssima estreia!*


— *Ah, vou-lhe dar uma rosa! (...) Voilà! Aí está o meu belo cavaleiro da Rosa Vermelha... E agora, não me agradeça!*



Em par ou em grupo, **comparem** a resolução do exercício.

Justifiquem as vossas opções, explicando o contexto da ação em que surge cada uma das sete falas.



 A leitura dos capítulos está disponível em audiolivro no *podcast* «Livros para ouvir». A sua audição pode facilitar a compreensão dos excertos.



«Os Maias – Capítulo VII».
Livros para ouvir por Luís
Escudeiro / Eugénia de
Oliveira. In [spotify.com](https://open.spotify.com)



«Os Maias – Capítulo VIII».
Livros para ouvir por Luís
Escudeiro / Eugénia de
Oliveira. In [spotify.com](https://open.spotify.com)



«Os Maias – Capítulo IX».
Livros para ouvir por Luís
Escudeiro / Eugénia de
Oliveira. In [spotify.com](https://open.spotify.com)



ETAPA 2 – Capítulos VII, VIII e IX | Leitura de excertos

Organizem-se em cinco grupos e **distribuem** os excertos **A** a **E**, que se encontram nas páginas seguintes. Tratam-se de excertos selecionados dos capítulos VII, VIII e IX que já terão lido autonomamente.

Releiam o excerto que vos foi distribuído, procurando enquadrá-lo na ação.

Se necessário, **consultem** um dicionário para esclarecer vocabulário mais difícil e **pesquisem** referências culturais que desconheçam.

Todos os grupos têm a mesma tarefa, embora incidindo sobre excertos diferentes. **Resolvam** a tarefa, registando os tópicos essenciais.

TAREFA

1. **Expliquem** a forma como a personagem em foco no excerto vive o seu caso amoroso, indicando pelo menos dois aspetos/características que a definem nesse contexto.
2. **Analistem** a posição e a atitude do narrador perante a personagem e o seu comportamento amoroso, tendo em conta as seguintes questões orientadoras.
 - a) Estabelece distância ou proximidade em relação à personagem (é solidário, irónico, corrosivo, cúmplice)?
 - b) Que recursos expressivos usa para construir essa atitude (escolhas lexicais, figuras de estilo, tom, ritmo da prosa)?
 - c) Que momento do excerto destacam como particularmente expressivo e porquê?

Depois de resolvida a tarefa, **preparem** a apresentação oral para partilha com a turma, tendo em conta:

- uma leitura oral do vosso excerto adequada ao tom e à posição do narrador e das personagens;
- uma explicitação breve e organizada dos tópicos essenciais da vossa tarefa sobre o excerto.

A — A vida amorosa de Dâmaso

CAPÍTULO VII

- 1 Dâmaso, no entanto, imitava o Maia com uma minuciosidade inquieta, desde a barba, que começava agora a deixar crescer, até à forma dos sapatos.(...)
— Ó Carlos — acrescentou ele — fazes favor? Ouve. Ouve esta que é boa. Esta Susana é uma pequena que eu tive em Paris... Um romance! Apaixonou-se por mim,
5 quis-se envenenar, o diabo!... Pois diz aqui o Figaro que debutou nas Folies-Bergères. Fala nela... É boa, hem? E era rapariguita chique... E o Figaro diz que ela teve aventuras, naturalmente sabia o que se passou comigo... Todo o mundo sabia em Paris. Ora a Susana! Tinha bonitas pernas. E custou-me a ver livre dela!
— Mulheres! — murmurou Carlos, refugiando-se mais no fundo da Revista.
- 10 Dâmaso era interminável, torrencial, inundante a falar das «suas conquistas», naquela sólida satisfação em que vivia de que todas as mulheres, desgraçadas delas, sofriam a fascinação da sua pessoa e da sua toilette. (...) Rico, estimado na sociedade, com coupé e parelha, todas as meninas tinham para ele um olhar doce.
— Não tenho podido lá ir — exclamou ele, (...). Tenho andado num turbilhão! Eu te
15 contarei! Um romance divino... Mas eu te contarei!...

CAPÍTULO IX

- Carlos preferia ir a pé.
— E acompanha-me tu um bocado, Dâmaso, tu agora não tens que fazer.
Dâmaso hesitou, olhando o céu áspero, as nuvens pesadas de chuva. Mas Carlos
20 tomara-lhe o braço, arrastava-o, amável e gracejando.
— Agora que te tenho aqui, velhaco, homem fatal, quero o romance... Tu disseste que tinhas um romance. Não te largo. És meu. Venha o romance. Eu sei que os tens sempre bons. Quero o romance!
Pouco a pouco Dâmaso sorria, as bochechas esbraseavam-se-lhe de satisfação.
- 25 — Vai-se fazendo pela vida — disse ele a estoirar de jactância. (...)
— A coisa é esta... O marido daqui a dias vai para o Brasil, tem lá negócios. E ela fica! Fica com as criadas e com a pequena, à espera, dois ou três meses. Diz que já andaram até a ver casas mobiladas, que ela não quer estar no hotel... E eu, íntimo, a única pessoa que ela conhece, metido de dentro... Hem, percebes agora?
- 30 — Perfeitamente — disse Carlos, arrojando para longe o charuto, com um gesto nervoso. — E decerto a pobre criatura já está fascinada! Já lhe deste, como costumás, um beijo ardente entre duas portas! Já a desgraçada se sortiu da caixa de fósforos, para mais tarde quando a abandonares!
Dâmaso enfiava.
- 35 — Não venhas já tu com o espírito e com a chufazinha... Não lhe dei beijos que ainda não houve ocasião... Mas, o que te posso dizer, é que tenho mulher!
— Pois já era tempo — exclamou Carlos, sem conter um gesto brusco e atirando-lhe as palavras como chicotadas.— Já era tempo! Andavas aí metido com umas criaturas ignóbeis, uma ralé de lupanar... Enfim, agora há progresso. E eu gosto
40 que os meus amigos vivam numa ordem de sentimentos decentes... Mas vê lá... Não sejas o costumado Dâmaso! Não te vás pôr a alardear isso pelo Grémio e pela Casa Havanesa!
Desta vez Dâmaso estacou, sufocado, sem compreender aquele modo, semelhante azedume. E terminou por balbuciar, lívido:
- 45 — Tu podes entender muito de medicina e de bricabraque, mas lá a respeito de mulheres, e da maneira de fazer as coisas, não me dás lições...

Eça de Queirós (1888). Os Maias. Edição Livros do Brasil: Lisboa.



B — A obsessão amorosa de Carlos

CAPÍTULO VII

1 *Mas Carlos não escutava, nem sorria já. Do fim do Aterro aproximava-se, caminhando depressa, uma senhora — que ele reconheceu logo, por esse andar que lhe parecia de uma deusa pisando a Terra, pela cadelinha cor de prata que lhe trotava junto às saias, e por aquele corpo maravilhoso onde vibrava, sob linhas ricas de*
5 *mármore antigo, uma graça quente, ondeante e nervosa. (...)*

Voltou ainda três vezes ao Aterro, não a tornou a ver; e então envergonhou-se, sentiu-se humilhado com este interesse romanesco que o trazia assim, numa inquietação de rafeiro perdido, farejando o Aterro, (...).

CAPÍTULO VIII

10 *Carlos, no entanto, pensava no motivo que o trazia a Sintra. E realmente não sabia bem porque vinha: mas havia duas semanas que ele não avistava certa figura que tinha um passo de deusa pisando a Terra, e que não encontrava o negro profundo de dois olhos que se tinham fixado nos seus: agora supunha que ela estava em Sintra, corria a Sintra. Não esperava nada, não desejava nada. Não sabia se a veria, talvez*
15 *ela tivesse já partido. Mas vinha: e era já delicioso o pensar nela assim por aquela estrada fora, penetrar, com essa doçura no coração, sob as belas árvores de Sintra... Depois, era possível que daí a pouco, na velha Lawrence, ele a cruzasse de repente no corredor, roçasse talvez o seu vestido, ouvisse talvez a sua voz. Se ela lá estivesse, decerto viria jantar à sala, (...).*

20 *Sintra, de repente, pareceu-lhe intoleravelmente deserta e triste. Não teve ânimo de voltar ao palácio, nem quis sair mais dali; e arrancando as luvas, passeando em volta da mesa de jantar, onde murchavam os ramos da véspera, sentia um desejo desesperado de galopar para Lisboa, correr ao Hotel Central, invadir-lhe o quarto, vê-la, saciar os seus olhos nela!... Porque o que o irritava agora era não poder*
25 *encontrar, na pequenez de Lisboa, onde toda a gente se acotovela, aquela mulher que ele procurava ansiosamente! Duas semanas farejara o Aterro como um cão perdido: fizera peregrinações ridículas de teatro em teatro: numa manhã de domingo percorrera as missas! E não a tornara a ver. Agora sabia-a em Sintra, voava a Sintra, e não a via também. Ela cruzava-o uma tarde, bela como uma deusa transviada no*
30 *Aterro, deixava-lhe cair na alma por acaso um dos seus olhares negros, e desaparecia, evaporava-se, como se tivesse realmente remontado ao Céu, de ora em diante invisível e sobrenatural: e ele ali ficava, com aquele olhar no coração, perturbando todo o seu ser, orientando surdamente os seus pensamentos, desejos, curiosidades, toda a sua vida interior, para uma adorável desconhecida, de quem ele*
35 *nada sabia senão que era alta e loira, e que tinha uma cadelinha escocesa... (...)*

CAPÍTULO IX

Mas o olhar de Carlos prendia-se sobretudo a um sofá onde ficara estendido, com as duas mangas abertas, à maneira de dois braços que se oferecem, o casaco branco de veludo lavrado de Génova com que ele a vira, a primeira vez, appear-se à
40 *porta do hotel. O forro, de cetim branco, não tinha o menor acolchoado, tão perfeito devia ser o corpo que vestia: e assim, deitado sobre o sofá, nessa atitude viva, num desabotoado de seminudez, adiantando em vago relevo o cheio de dois seios, com os braços alargando-se, dando-se todos, aquele estofado parecia exalar um calor humano, e punha ali a forma de um corpo amoroso, desfalecendo num silêncio de*
45 *alcova. Carlos sentiu bater o coração.*

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa.

CAPÍTULO VIII

1 — Oh! Eusebiozinho! Carlos correu, olhou...

Era ele, o viúvo, acabando de almoçar, com duas raparigas espanholas. Estava no topo da mesa, como presidindo, diante de uns restos de pudim e de pratos de fruta, amarelado, despenteado, carregado de luto, com a larga fita das lunetas pretas

5 *passada por trás da orelha, e uma rodela de tafetá negro sobre o pescoço, tapando alguma espinha rebentada.*

Uma das espanholas era um mulherão trigueiro, com sinais de bexigas na cara; a outra, muito franzina, de olhos meigos, tinha uma roseta de febre, que o pó-de-arroz não disfarçava. Ambas vestiam de cetim preto, e fumavam cigarro. E na luz e na

10 *frescura que entrava pela janela, pareciam mais gastas, mais moles, ainda pegajosas da lentura morna dos colchões, e cheirando a bafio de alcova. Pertencendo à súa havia um outro sujeito, gordo, baixo, sem pescoço, com as costas para a porta e a cabeça sobre o prato, babujando uma metade de laranja.*

Durante um momento, Eusebiozinho ficou interdito, com o garfo no ar; depois lá

15 *se ergueu, de guardanapo na mão, veio apertar os dedos aos amigos, balbuciando logo uma justificação embrulhada, a ordem do médico para mudar de ares, aquele rapaz que o acompanhara, e que quisera trazer raparigas... E nunca parecera tão fúnebre, tão reles, como resmungando estas coisas hipócritas, encolhido à sombra de Carlos.*

20 — Fizeste muito bem, Eusebiozinho — disse Carlos por fim, batendo-lhe no ombro. — Lisboa está um horror, e o amor é coisa doce.

O outro continuava a justificar-se. (...)

Eusebiozinho apresentou o seu amigo Palma: e o seu amigo Palma, ouvindo o nome conhecido de Carlos da Maia, quis logo mostrar, diante de um gentleman, que

25 *era um gentleman também. Arrojou para longe o guardanapo, arredou para fora a cadeira; e de pé, estendendo a Carlos os dedos moles e de unhas roídas, exclamou, com um gesto para os restos da sobremesa: — Se Vossa Excelência é servido, é sem cerimónia... Que isto quando a gente vem a Sintra, é para abrir o apetite e fazer bem à barriga... (...)*

30 *Carlos fez um gesto indicando que não; e despedia-se de novo, saudando as damas, quando Cruges o chamou ainda (...): queria saber qual daquelas meninas era a esposa do amigo Eusébio.*

Assim interpelado, o viúvo encordoou, rosnou com uma voz morosa, sem erguer as lunetas da laranja que descascava, que estava ali de passeio, não tinha esposa, e

35 *ambas aquelas meninas pertenciam ao amigo Palma...*

E ainda ele mascava as últimas palavras, quando Concha, que digeria de perna estendida, se endireitou bruscamente como se fosse saltar, atirou um murro à borda da mesa e, com os olhos chamejantes, desafiou o Eusébio a que repetisse aquilo! Queria que ele repetisse! Queria que dissesse se tinha vergonha dela, e de dizer que a

40 *tinha trazido a Sintra... E como o Eusébio, já enfiado, tentava gracejar, fazer-lhe uma festa — ela despropositou, atirou-lhe os piores nomes, dando sempre punhadas na mesa, com uma fúria que lhe torcia a boca, lhe punha duas manchas de sangue no carão trigueiro. A Lolita, vexada, puxava-lhe pelo braço; a outra deu-lhe um repelão; e, mais excitada com a estridência da própria voz, esvaziou-se de toda a bÍlis,*

45 *chamou-lhe porco, acusou-o de forreta, usou-o como um trapo vil. (...)*

De repente, ela ergueu-se, a cadeira tombou para o lado: e o mulherão abalou pela sala fora, a grande cauda de cetim varreu desabridamente o soalho, ouviu-se dentro estalar uma porta. No chão ficara caído um pedaço da mantilha de renda.

CAPÍTULO VII

- 1 Apareceu um menino muito pálido, de caracóis loiros, vestido de veludo preto — e atrás uma mulher, toda de negro, com um véu justo e espesso como uma máscara.
— Creio que vim tarde — disse ela, hesitando, junto da porta. (...)
Carlos reconheceu a Gouvarinho.
- 5 — Oh! senhora condessa! (...)
— Venho trazer-lhe um doente — disse ela sem erguer o véu, como falando do fundo daquela toilette negra que a dissimulava. (...)
— Não imagina como me tranquilizou — disse ela, erguendo-se, dando um jeito ao véu. — Demais a mais é um gosto vir consultá-lo... Não há aqui o menor ar de doença,
10 nem de remédios. (...)
A senhora condessa, com um lindo movimento, encolheu os ombros, como duvidando discretamente; depois tomou a mão de Charlie, e deu um passo lento para a porta, puxando outra vez o véu.
— Como Vossa Excelência se interessa pela minha instalação — acudiu Carlos
15 querendo retê-la — deixe-me mostrar-lhe a outra sala. (...)
— É engenhoso — disse ela dando familiarmente alguns passos na sala, com Charlie colado aos vestidos.
E Carlos, caminhando ao lado dela:
— Vossa Excelência não imagina como eu sou engenhoso!
20 — Já noutra dia me disse... Como foi que disse? Ah! que era muito inventivo quando odiava.
— Muito mais quando amo — disse ele rindo. (...)
— Gosto da sua alegria — disse ela.
— É uma questão de regime. Vossa Excelência não é alegre?
25 Ela murmurou com os olhos baixos, deixando ir as palavras, num tom de intimidade e de confiança:
— Dizem que não, que sou triste, que tenho spleen... (...)
[Carlos] baixou a voz para lhe dizer:
— É que a senhora condessa tem um mau regime. É necessário tratar-se, voltar
30 aqui, consultar-me... Tenho talvez muito que lhe dizer!
Ela interrompeu-o vivamente, erguendo para ele os olhos, donde se escapou um clarão de ternura e de triunfo:
— Venha-mo antes dizer um destes dias, tomar chá comigo, às cinco horas... (...)
Realmente gostava daquela audácia dela — ter vindo assim ao consultório, toda
35 escondida, quase mascarada numa grande toilette negra, inventando um caroço no pescocinho são de Charlie, para o ver, para dar um nó brusco e mais apertado naquele leve fio de relações que ele tão negligentemente deixara cair e quebrar...

CAPÍTULO IX

- Carlos ficou só com a senhora condessa (...).
- 40 — Ah, vou-lhe dar uma rosa! — exclamou ela logo, deixando as músicas.
Mar a flor que ela lhe queria dar estava no boudoir, ao lado. Carlos seguiu a sua grande cauda, onde corria um reflexo dourado de folhagem de Outono batida do sol. (...)
A condessa escolheu um botão com duas folhas, e ela mesmo lhe veio florir a sobrecasaca. Carlos sentia o seu aroma de verbena, o calor que subia do seu seio
45 arfando com força. E ela não acabava de prender a flor, com os dedos trémulos, lentos, que pareciam colar-se, deixar-se adormecer sobre o pano...
— Voilà! — murmurou enfim, muito baixo. — Aí está o meu belo cavaleiro da Rosa Vermelha... E agora, não me agradeça!
Insensivelmente, irresistivelmente, Carlos achou-se com os lábios nos lábios dela.

50

Eça de Queirós (1888). Os Maias. Edição Livros do Brasil: Lisboa.

CAPÍTULO IX

- 1 [Ega] estava *diante dele*, caracterizado, vestido de Mefistófeles!
 Carlos apenas pôde dizer: *bravo!* — o aspeto do Ega emudeceu-o. Apesar dos toques de caracterização que quase o mascaravam — sobranceiras de Diabo, guias de bigode ferozmente exageradas — , sentia-se bem a aflição em que vinha, com os olhos
- 5 *injetados, perdido, numa terrível palidez. Fez um gesto a Carlos, arremessou-se pelo gabinete dentro. (...)*
 — *Tu sabes o que me sucedeu, Carlos?*
 Mas não pôde dizer mais, sufocado, tremendo todo; e *diante dele*, devorando-o com os olhos, Carlos tremia também, enfiado.
- 10 — *Cheguei a casa dos Cohens — continuou Ega por fim com esforço e quase balbuciando — mais cedo, como tínhamos combinado. Ao entrar na sala, já estavam duas ou três pessoas... Ele vem direito a mim, e diz-me: «Você, seu infame, ponha-se já no meio da rua... Já no meio da rua, senão, diante desta gente, corro-o a pontapés!». E eu, Carlos...*
- 15 *Mas a cólera outra vez abafou-lhe a voz. (...)*
 Quando as palavras voltaram, foi uma explosão selvagem:
 — *Quero-me bater em duelo com aquele malvado, a cinco passos, meter-lhe uma bala no coração! (...)*
 — *Então descobriu tudo — murmurou Carlos.*
- 20 — *Está claro que descobriu tudo! — exclamou o Ega, no seu passear arrebatado, atirando os braços ao ar. — Como descobriu, não sei. Sei isto, já não é pouco. Pôs-me fora!... Hei-de-lhe meter uma bala no corpo! (...)*
 Carlos, agora outra vez sereno, acabava a sua chávena de chá. Depois, disse muito simplesmente:
- 25 — *Meu querido Ega, tu não podes mandar desafiar o Cohen.*
 O outro estacou de repelão, atirando pelos olhos dois relâmpagos — a que as medonhas sobranceiras de crepe, as duas penas de galo ondeando na gorra, davam uma ferocidade teatral e cómica.
 — *Não o posso mandar desafiar?*
- 30 — *Não.*
 — *Então põe-me fora de casa...*
 — *Estava no seu direito.*
 — *No seu direito!... Diante de toda a gente?...*
 — *E tu, não eras amante da mulher diante de toda a gente?... (...)*
- 35 Carlos não dizia nada, (...) e mesmo não podia deixar de sorrir diante daquele Mefistófeles esgrouviado, espalhando pelo quarto o brilho escarlata do seu manto de veludo, e a falar furiosamente de honra e de morte, com sobranceiras postiças. (...)
 — *Vocês não têm coração — exclamou Ega, enchendo outro grande copo — Vocês não sabem, eu adorava aquela mulher!*
- 40 *Então largou a falar de Raquel. E teve ali, decerto, os momentos melhores de toda aquela paixão (...).*
 [No dia seguinte, em casa de Ega] *E logo nesse momento a campainha retiniu (...).*
 — *Quem foi que entrou? — perguntou Carlos.*
 — *Foi a criada do Sr. Cohen — (...)*
- 45 *Nesse instante houve um rumor na sala, Ega abriu violentamente a porta (...).*
 — *Não há nada — exclamou ele. — Deu-lhe uma coça, e vão amanhã para Inglaterra!*
Estava furioso. Nesse momento odiava Raquel (...).
A sra. Adélia terminara por descansar (...)
- 50 — *Pois olhe, sr. Ega — disse ela, depois de refletir — Foi a senhora que sonhou alto com Vossa Excelência, disse tudo, o sr. Cohen ouviu (...).*

Continua →



Ega, diante da sra. Adélia (...)
— Como é possível que ele ouvisse? Se eles tinham quartos separados!... Eu sei que tinham.

55 *A sra. Adélia baixou as pálpebras (...) e disse mais baixo estas palavras:*
— Não tinham, não senhor. Nem a senhora consentia em tal arranjo... A senhora gosta muito do marido, e tem muitos ciúmes dele. (...)

Esperaram ainda dez minutos. Subitamente a vela extinguiu-se. Carlos, furioso, gritou pelo pajem. E o garoto entrava com um imundo candeeiro de petróleo —
60 *quando Ega, mais composto, voltou da sala. Tudo acabara, a sra. Adélia partira.*
— Vamos lá jantar — disse ele. — Mas aonde, a esta hora?

Eça de Queirós (1888). *Os Maias*. Edição Livros do Brasil: Lisboa. (Capítulo V).

ETAPA 3 – Apresentação oral das tarefas | Escrita expositiva



Apresentem a vossa tarefa oralmente, com:

- leitura preparada do excerto;
- explicitação de tópicos / conclusões da tarefa de análise do excerto.

Abram o debate à turma para:

- registo de uma ideia-chave sobre a posição do narrador em cada excerto;
- esclarecimento de questões ou recolha de comentários/contributos.



Individualmente, **reflete** sobre a questão seguinte e **escreve** uma reposta pessoal.

De todos os comportamentos amorosos retratados, qual te parece ser o mais duramente criticado pelo narrador? Justifica com base nos recursos expressivos e na forma como se constrói esse retrato.



Podes ir arquivando este tipo de produção escrita no teu dossiê de investigação ou num portefólio de avaliação.



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 1 – Capítulos VII, VIII e IX | Quem disse?

Respostas: ① Dâmaso ② Carlos ③ Cruges ④ Alencar ⑤ Ega
⑥ Afonso da Maia ⑦ Condessa Gouvarinho



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

ETAPA 2 – Capítulos VII, VIII e IX | Leitura de excertos

Cenários de resposta da tarefa para cada excerto:

A — A vida amorosa de Dâmaso

1. Tópicos possíveis: O desejo de Dâmaso é narcisista e superficial, o que o move é a satisfação do próprio ego, não o sentimento pela mulher; as conquistas são moeda de exibição social (a Susana vale pelas pernas e pela notoriedade em Paris); com Maria Eduarda repete o mesmo padrão de calcular friamente a ausência do marido como oportunidade; é uma figura sem substância própria — um imitador de Carlos.
2. a) O narrador tem uma atitude corrosiva e demolidora — não há qualquer cumplicidade. b) «Desgraçadas delas» — intrusão irônica que finge adotar o ponto de vista de Dâmaso para o ridicularizar; «Interminável, torrencial, inundante» — gradação que ridiculariza a tagarelice vaidosa; «A estoirar de jactância» — escolha lexical expressiva que sugere algo que rebenta de tão cheio que está. c) Por exemplo: a frase final de Dâmaso — a sua arrogância é tão cega que não percebe o ridículo em que está mergulhado — a personagem destrói-se a si própria sem ajuda do narrador.

B — A obsessão amorosa de Carlos

1. Tópicos possíveis: O desejo de Carlos é obsessivo e irracional, pois persegue «uma adorável desconhecida»; o objeto do desejo é idealizado e mitificado, pois ela é repetidamente comparada a uma deusa, elevada a figura sobrenatural e inacessível; tudo configura um ultrarromantismo de sentimento excessivo e instável, tem vergonha do seu próprio interesse romanesco, mas não consegue resistir-lhe e o desejo alimenta-se do vazio e da ausência — quanto menos a vê, mais intenso se torna.
2. a) Atitude irônica, mas cúmplice — distância crítica, mas com simpatia pelo estado em que Carlos se encontra. b) «Rafeiro perdido», «farejando o Aterro», «cão perdido» — imagens animalizantes que reduzem ironicamente o herói romântico ao impulso instintivo, contrastando com a imagem de deusa que ele projeta na mulher; «Peregrinações ridículas de teatro em teatro, numa manhã de domingo percorreram as missas» — enumeração que expõe o ridículo do comportamento sem o condenar explicitamente; a repetição de «deusa pisando a Terra» sublinha a fixação obsessiva e a incapacidade de ver a mulher como pessoa real. c) Por exemplo: o parágrafo final com o casaco de veludo — o narrador descreve um objeto inanimado com uma sensualidade perturbante, revelando o estado mental de Carlos sem o nomear; é um momento de erotismo sublimado de grande sofisticação estilística.

C — A devassidão secreta de Eusebiozinho

1. Tópicos possíveis: o caso amoroso de Eusebiozinho é sórdido e hipócrita, pois está de luto e usa o pretexto da saúde para esconder uma escapadela com prostitutas; é uma figura sem dignidade nem coragem — perate Carlos, nega relacionar-se com aquelas mulheres, encolhido e balbuciante, incapaz de assumir o que faz; o desejo é aqui completamente despido de qualquer romantismo ou sentimento — é pura transação, sem disfarce possível; a explosão de Concha destrói o que resta da figura de Eusebiozinho — é humilhado publicamente e não consegue sequer reagir.
2. a) Atitude completamente corrosiva e demolidora — não há qualquer cumplicidade ou simpatia; é o retrato mais impiedoso de toda a galeria. b) A descrição física de Eusebiozinho («amarelado, despenteado, carregado de luto» e com uma rodela de tafetá negro tapando alguma espinha rebentada) é uma caricatura por acumulação de detalhes degradantes; a sugestiva descrição das espanholas com sinestesia («pegajosas da lentura morna dos colchões», «cheirando a bafio de alcova») reforça a atmosfera de degradação; a adjetivação expressiva («Nunca parecera tão fúnebre, tão



PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

reles») deixa claro um forte julgamento moral; as ironias de Carlos («o amor é coisa doce»). c) Por exemplo: a saída de Concha («a grande cauda de cetim varreu desabridamente o soalho, ouviu-se dentro estalar uma porta. No chão ficara caído um pedaço da mantilha de renda») o narrador não comenta, deixa a cena falar por si, num final de uma eficácia teatral demolidora.

D — Uma condessa arrojada e «picante» no consultório de Carlos

1. Tópicos possíveis: comportamento de mulher sedutora calculista e determinada que toma a iniciativa e que conduz a cena de sedução com estratégia (usa o filho como pretexto e veste com intenção de disfarce); figura feminina que, por baixo da convenção social sabe o que quer e luta por isso; não é ingênua, mas também não é fria nem desprovida de sentimento genuíno («clarão de ternura e de triunfo»).
2. a) A perspectiva de ironia sobre o comportamento social é moderada por uma certa admiração pela inteligência e audácia da personagem, não há aqui um olhar de crítica corrosiva. b) A enumeração expõe a estratégia da condessa, sem a condenar: «Apareceu um menino muito pálido, de caracóis loiros, vestido de veludo preto — e atrás uma mulher, toda de negro, com um véu justo e espesso como uma máscara»; a escolha lexical («lindo movimento») assim como o cuidado nos detalhes sensoriais («o seu aroma de verbena, o calor que subia do seu seio arfando com força.», «os dedos trémulos, lentos, que pareciam colar-se, deixar-se adormecer sobre o pano...») revelam admiração do narrador; a escolha dos advérbios «sensivelmente, irresistivelmente» isentam Carlos de responsabilidade e reforçam o poder de sedução da Condessa. c) Por exemplo: «donde se escapou um clarão de ternura e de triunfo» — numa única expressão o narrador revela toda a complexidade da personagem, há sentimento genuíno, mas também vitória calculada.

E — O escândalo amoroso e a humilhação de Ega

1. Tópicos possíveis: comportamento melodramático e irracional de Ega perante o desastre humilhante da expulsão de casa dos Cohen: passa de furores de duelo a um banal «vamos lá jantar»; da declaração «eu adorava aquela mulher» ao ódio repentino por Raquel; porém, a paixão de Ega é retratada como sendo genuína («teve ali, decerto, os momentos melhores de toda aquela paixão»), mas o desfecho final é profundamente irónico, quando se diz que Raquel não consentia em quartos separados e gostava do marido.
2. a) Atitude irónica, mas com uma clara compreensão e simpatia pelo caso de Ega, usando processos de cómico que revelam mais o melodrama humano do que uma condenação da personagem. b) O traje de Mefistófeles é o grande recurso cómico, pelo desajuste entre uma personagem que fala de honra e de morte vestido daquele modo, o narrador explora a teatralidade e o ridículo desse duplo registo; o contraste entre a serenidade e lucidez de Carlos e os furores de Ega, construído por justaposição direta, sem comentário explícito do narrador, revelam a ironia da situação de Ega; o diálogo final com a criada, uma série de contrastes revelam o lado cómico do caso de Ega e as contradições da personagem. c) Por exemplo: a frase final de Ega «— Vamos lá jantar. Mas aonde, a esta hora?» após toda a tempestade melodramática constitui um desfecho de uma banalidade desconcertante e absolutamente queirosiana; o narrador fecha o episódio com humor seco e sem apelo.



O QUE APRENDI?

Compreendeste como o narrador retrata o amor burguês?

És capaz de...

- mobilizar conhecimento sobre personagens, situações e momentos relevantes da ação nos capítulos VII, VIII e IX d’*Os Maias*?
- analisar excertos selecionados, identificando representações da vivência amorosa na sociedade burguesa do século XIX?
- reconhecer e caracterizar a atitude do narrador queirosiano — a sua ironia, distância ou cumplicidade — face aos comportamentos das personagens?
- identificar e comentar recursos expressivos ao serviço da crítica social e do retrato psicológico das personagens?
- desenvolver capacidade de leitura comparativa de excertos, analisando o tratamento do tema amoroso e a variação de perspetiva do narrador?

Ainda **tens** dificuldades?

Sugestão:

Procura, no teu manual, excertos da obra até ao Capítulo IX e **resolve** as tarefas de leitura orientada propostas. **Consulta** depois as soluções para obteres *feedback* e esclareceres dúvidas.



COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?



Continua o desafio de jogo «O extraordinário caso dos Maias»¹. **Lê** os capítulos X e XI da obra ([edição digital](#)).

Segue as orientações, **interpreta** pistas e **resolve** a missão 5.



[«O extraordinário caso dos Maias – Missão 5».](#)
[Estudo Autónomo.](#)

Visualiza o segundo episódio da adaptação de *Os Maias* para cinema, do realizador João Botelho, dos **15min10s** aos **37min10s**.



[«Os Maias» - episódio 2. Adaptação de João Botelho. In RTP-Play.](#)

¹ Este desafio foi iniciado no final do [GTA 51](#).